



DEVASSOS NO JORNALISMO: RETRATOS INVENTIVOS SOBRE OS DIAS DA IMPRESSA TRANSVIADA NO CARIRI CEARENSE

José Anderson Freire Sandes¹
Ribamar José de Oliveira Junior²

Universidade Federal do Cariri (UFCA)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo: Este artigo busca compreender o processo e a articulação da produção do jornal impresso no projeto *Sertão Transviado: Outros Cariris*, vinculado as Pró-Reitorias de Extensão e de Cultura da Universidade Federal do Cariri (UFCA) durante anos de 2016 e 2017, período de vigência do projeto. Ao elencar teorias do Jornalismo e teorias de Gênero e Sexualidades, se percebeu o campo da Comunicação na apuração da pauta jornalística em constante processo. Os estudos de recepção como área interdisciplinar na área da Cultura, guiaram questões da Pedagogia do Jornalismo Impresso, principalmente, no que diz respeito a produção do jornal, da linha editorial, passando pela pauta, apuração, narração, hierarquização e edição da cotidianidade LGBTTT na região do Cariri cearense.

Palavras-chave: Jornalismo; Cultura; Transviado.

¹ Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e graduado em Comunicação Social pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). E-mail: jose.sandes@ufca.edu.br.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), especializado em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN) e graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). E-mail: ribao-mar@gmail.com.

1. Introdução

Entre os anos 60 do Século XX e a primeira década do Século XXI, vivenciamos mudanças radicais em todos os campos, particularmente o cultural diante do impacto das novas tecnologias. Algumas, entretanto, se conservaram diante de uma mentalidade patriarcal e patrimonialista do País – como os preconceitos contra gays, lésbicas, negros, pobres, mulheres, índios e religiões afro-brasileiras. Uma espécie de cláusula pétreia. Cláusula que permanece quase intacta, mesmo diante de leis coibidoras e dos muitos sinais de protestos que tomaram o País a partir de meados do Século XX, mas que pouco abalaram a estrutura hegemônica que nos acompanha dos tempos de Pedro II. A contracultura, ainda nos 60 do Século passado, por exemplo, acordou uma geração para um novo significado da vida, protagonizando transformações sociais nos âmbitos políticos, econômicos, da ética, da moral e da sexualidade. Geração que pregou à crítica aos costumes, com raízes no anarquismo, no orientalismo e no existencialismo.

No jornalismo, “O Pasquim” foi um dos principais condutores no Brasil, instituindo valores da contracultura norte-americana, inclusive entre adolescentes de cidades do interior do País. Crato, Juazeiro e Barbalha, territórios de comunidades patriarcais do jagunço, do coronel, do bacamarte e de Padre Cícero, foram lugares que não passaram imunes ao movimento da chamada geração beat. Jovens caririenses defenderam, principalmente através da arte, a cultura do underground e bateram de frente com uma cidade por demais provinciana nos movimentados anos 60. Ao analisar “O Pasquim” em “Jornalistas Revolucionários – Nos Tempos da Imprensa Alternativa”, Bernardo Kucinski assinala que, ao lado de suas raízes no nacional-popular, “o jornal transformou a linguagem do jornalismo na tentativa de construção de um novo etos, uma nova forma de ser e agir, dotada de novos modos de consciência” (KUCINSKI, p. 15, 1991).

Nestes novos modos de consciência, se colocava em pauta, apesar da ditadura dos generais, a defesa das drogas, do amor livre (de todas as formas), do meio-ambiente e das minorias; e a negação do capitalismo, da universidade, do catolicismo e da grande imprensa. Nas suas páginas, liam-se entrevistas, opiniões, notícias com muito humor e picardia. A desconstrução do mundo velho daria passagem à Era de Aquários. Um pro-

jeto de uma sociedade mais humana e coletiva, sem a rigidez pregada pela ideologia marxista e pelo sistema capitalista em meio da Guerra Fria. Era o sol nas bancas de revistas. Ou o poder jovem.

“O Pasquim” deu origem a outros alternativos - “O Bondinho”, “Versus”, “Verbo Encantado”, “Pato Macho”, “Beijo”, “Flor do Mal”, “Lampião da Esquina”. Todo esse movimento da imprensa alternativa dos anos 1960 e 1970 não saíram de pauta nos anos seguintes, mesmo com o fim dos “nanicos” após a queda do regime militar, e algumas de suas ideias, agora, apropriadas pela indústria cultural e a grande mídia.

A mentalidade que parecia cláusula pétrea foi mudando, mas, infelizmente, em doses homeopáticas. A realidade contra as minorias permanece difícil, neste País de pouca saúde e muita saúde. Mesmo com a criminalização de preconceitos de cor, raça, gênero e região, a violência simbólica e física é sentida diariamente por negros, nordestinos, comunidade LGBT, mulheres, pobres e praticantes de religiões afro-brasileiras. Apropriada pela mídia massiva, a contracultura na sua essência política, filosófica e social, na verdade, nunca se espalhou totalmente pelo Brasil, mas serviu de norte para gerações seguintes e a retomada de um jornalismo, ainda que dentro dos muros de universidades ou de coletivos - organizações auto-geridas, descentralizadas, flexíveis e situacionais, segundo definição professora Heloísa Buarque de Holanda, do discurso dos alternativos nos anos 1960\1970. O projeto Sertão Transviado: Outros Cariris 3é, sem dúvidas, um dessas fogueiras que clareiam ainda mais os primeiros passos dados por Luis Carlos Maciel e a sua “Flor do Mal”, o guru da contracultura no Brasil.

2. Pondo os cus na reta

O *Sertão Transviado: Outros Cariris*, vinculado as Pró-Reitorias de Extensão (PROEX) e de Cultura da Universidade Federal do Cariri (UFCA) no ano de 2017, anteriormente havia sido elaborado através das ações culturais do projeto *Ânus Livres: Mídias Radicais e Histórias Marginais*, vinculado a Pró-Reitoria de Cultura (PRO-CULT) no ano de 2016. Nestes dois anos de existência, a iniciativa articulou a produção de um jornal que em seus sete números geraram pautas para imprensa regional, de Fortaleza e do Brasil. Com um olho no passado e outro no presente, grifou na sua linha

editorial a principal razão de ser: a articulação de questões de gênero com classe, etnia e raça.

As pautas do jornal reportam de forma peculiar e singular, realidades vivenciadas pelas minorias do Cariri através de artigos, reportagens e entrevista em profundidade, renovando na abordagem dos fatos e, principalmente, inovando em sua linguagem. O jornal foi concebido dentro da Pedagogia do Jornalismo Impresso, alargando-se pela grande avenida do jornalismo on-line. Os pilares foram o debate intensivo de suas pautas (como abordar problemas tão complexos e fugir de estereótipos, ambiguidades, sensacionalismo); a apuração (entender os vários ângulos da questão e das pessoas envolvidas) e narração (liberdade de estruturar o texto, utilizando artifícios da literatura, mas sem nunca sair da linguagem referencial).

Com liberdade de foco, de apuração e narração, a equipe que compôs as ações do *Ânus Livres: Mídias Radicais e Histórias Marginais* no ano de 2016, foram os estudantes do curso de Jornalismo Ribamar José de Oliveira Junior, proponente da ação, e a bolsista Mariana Menezes Caselli. Após o aprimoramento do projeto, adentrou na equipe a estudante Pâmela Mariana Queiroz Santana na função de bolsista. Sob tutoria do professor José Anderson Freire Sandes e apoio técnico do designer gráfico Isaac Brito, a equipe no ano de 2017, seguiram com a construção de pautas mais reflexivas através, principalmente, de perfis bem estruturados e entrevistas em profundidade. A entrevista é uma arte, uma prática. O jornalista abre um espaço no jornal ordenado pela recriação do fato, rememorado por meio da tensão permanente que se forma entre a pergunta e a resposta.

Na condição de gênero do jornalismo, a entrevista foi classificada por diversos estudiosos da mídia. Para a equipe do Sertão Transviado duas ordenações são importantes. A de Edgar Morin, a entrevista de neoconfissão – por se concentrar na interação pesquisa- pesquisador, um campo fechado no qual vão se concentrar forças sociais, psicológicas, afetivas. (MORIN, 1979, p. 121). E a da professora Cremilda Medina ao defender que a entrevista “quando atinge um grau maior de interação humana e, ao mesmo tempo, um grau de informações mais significativas atende também à memória coletiva”. (MEDINA, 2001, p. 23).

Não deixamos de estudar as teorias do jornalismo, reconhecendo o jornalismo como uma força conservadora, mas distinguindo, como Tranquina, um campo que pode reconstituir recursos para a visibilidade de novos agentes sociais, principalmente os que contestam o status quo e os valores dominantes. O jornalismo, afinal, é resultado de processos de interação social não só entre os jornalistas, mas principalmente entre suas fontes. Entendendo como interação a troca de experiências e saberes. (TRAQUINA, 2012, p. 202/203).

Questões incisivas para o futuro jornalista foram colocadas em prática. Os bolsistas participaram de todas as etapas da configuração do jornal Sertão Transviado. Da definição da política editorial, passando pela estruturação da pauta, métodos de apuração, problemática das fontes e questões de linguagem, ou seja, o foco foram as três ferramentas indispensáveis para a profissão – a percepção do valor notícia, a apuração do acontecimento e a narração.

A hierarquização e interpretação do acontecimento são predicados indispensáveis na composição da produção noticiosa, um processo complexo que se inicia com o acontecimento. O conceito de notícia – a narração do acontecimento – é um dos principais dilemas enfrentados pelos professores e estudantes do curso de Jornalismo. Ela é a principal commodity no sistema da informação.

Para Alsina (2009), a produção de jornalismo de atualidade se articula através da notícia, sendo a credibilidade o seu mecanismo específico regulador, que irá determinar o que é publicável. Se o discurso informativo não for crível, o acontecimento não se configurará como notícia. O contrato pragmático fiduciário dos meios de comunicação é um produto histórico da institucionalização e da legitimação do papel do jornalista.

Sodré (2009) assinala, por outro lado, que onde existe discurso (produto básico do mercado simbólico da comunicação) há disputa em torno da produção de sentido, logo, ideologia e que “cada jornal desenvolve estratégias capazes de lhe outorgar uma identidade junto aos seus leitores”. (SODRÉ, 2009, p. 14).

Estratégias que deságuam na produção de um jornal com uma meta clara – a introdução de atividades práticas e profissionais na produção do jornal. A rotina de trabalho jornalístico – seleção de pautas, deslocamentos de repórteres, coleta de informações, edição de textos, fotografias, gráficos, infográficos, tabelas e mapas. Hoje vivemos um mo-

mento paradoxal. No sertão do Ceará a publicação de um jornal LGBTT não deixa de ser de suma importância, cumprindo, assim, um dos preceitos éticos do jornalismo e abarcando o que o alemão Otto Groth chamou dos três pilares do jornalismo – atualidade, periodicidade e universalidade (GROTT, 2005, p. 3). Questões colocadas pelo Sertão Transviado – cuja periodicidade no primeiro ano se ateu ao fluxo bimestral e posteriormente ao fluxo trimestral -, abordam um tema tanto local, quanto universal ligado, principalmente, ao bem comum e a convivência harmônica entre visões distorcidas no Brasil (por motivos religiosos e patriarcais) com relação ao público LGBTT, promovendo a diversidade de culturas, baseadas em identidades sexuais e de gêneros.

Diante das mudanças citadas, procuramos alguns elementos como a transparência, honestidade, fontes de informação, originalidade e exatidão para a elaboração do jornal como apontam Bill Kovach e Tom Rosenstiel no livro “Elementos do Jornalismo”. Mas um atributo essencial é a independência. O jornalismo é baseado em levantar os dados, aprender, entender, educar. “Criar barreiras a esse processo de descoberta acaba, no fim, uma deslealdade com o leitor”. (KOVACK, Bill; ROSENSTIEL, Tom, 2003, p. 127).

O jornal é elaborado em várias etapas, ou seja, o bolsista vivenciou na prática todo cotidiano de uma redação de jornal. Ou o que Miguel Alsina chamou de produção, circulação e consumo da notícia. E quando falou sobre a sociologia da profissão coloca o jornalismo no patamar de uma atividade intelectual, que produz também conhecimento. Esse é o objetivo com a publicação, circulação (gratuita) e consumo do Sertão Transviado. Exercer com independência uma cobertura crítica e atualizada de um nicho ainda, infelizmente, coberto de maneira dúbia, obtusa e indefinida pela mídia tradicional.

Dentro dessa lógica o jornal foi estruturado — do seu design gráfico, utilização de tipos e cores até o seu conteúdo através de colunas, artigos, perfis, entrevistas e reportagens —, sempre primando pela apuração rigorosa dos acontecimentos e ampliando a visibilidade da comunidade LGBTT no Cariri, colocadas à margem num quadro de complexas relações sociais.

3. Transviado ou Abaitolado

A questão da interdisciplinaridade, presente na produção de conhecimento do projeto, traz perspectivas referentes ao estudo dos fenômenos e aponta para enfoques comunicacionais. Logo, trata-se de pensar qual a interface comunicacional que há na constituição do campo de apuração jornalística do Sertão Transviado. Das zonas de interface, se percebe nos últimos anos uma aproximação dos Estudos da Comunicação aos Estudos da Cultura, principalmente, com a descoberta do receptor como elemento chave do processo comunicacional. A recepção, como ângulo de entrada, se torna o objeto de estudo na área da Comunicação e Cultura. Braga (2011) distingue, na cultura, o que é objeto das preocupações culturais etnográficas, e o que deveria ser objeto principal das preocupações do Campo da Comunicação. O autor, que leva em consideração de que o objeto da Comunicação é toda e qualquer conversação do espaço social, destaca:

Quando a cultura se percebe cultura, quando o gesto que faço não pode mais justificar como se fosse “natural” — através de um “é assim que se faz” — já não estamos exclusivamente no território da cultura, mas também no da Comunicação. Ou seja: não é mais cultura quanto modo de ser, mas cultura enquanto comunicação. É sempre “cultura”, é claro, mas não o é mais apenas como nos acostumaram a vê-la os antropólogos. O gesto da cultura (fala, dança, criação, comportamento), em situação de auto explicação, já não é apenas movimento de participação e de identificação do indivíduo em comunidade. É também expressão consciente desse identificar-se — é comunicação (BRAGA, 2011, p.75).

No entanto, como afirma Ana Escosteguy e Nilda Jacks (2007), em meados dos anos 70, no contexto latino americano, novas tramas em formação emergem e, no âmbito nacional e internacional desapontam em conexões entre comunicação e cultura, “sobretudo, busca capturar a experiência dos sujeitos, no caso em tela, aquela referida às práticas relacionadas (ESCOSTEGUY. JACKS, 2007, p. 2). As autoras destacam as razões teóricas para isso, voltando-se para a insuficiência dos modelos importados adotados nas pesquisas, concebidos “em” e “para” outras realidades e que, sobretudo, não davam conta da vida cotidiana e de seus agentes.

Parte daí o que Orozco (1997) vem chamar de movimento pela “desideologização dos estudos em comunicação”, frente aos estudos onde se recuperam o papel do sujeito, que abre caminho para o surgimento dos estudos latino americanos de recepção. Nessa perspectiva, “a recepção não é apenas uma etapa do processo de comunicação. É um lugar novo, de onde devemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação”

(BARBERO, 1995 p. 39). O pensamento barberiano observa, ainda, que “as chaves da trama conceitual da investigação da recepção na América Latina” são quatro: os estudos da vida cotidiana, os estudos sobre consumo, os estudos sobre estética e semiótica da leitura e os estudos sobre a história social e cultural dos gêneros (BARBERO, 1995, p. 58). Ao adentrar as temáticas da contracultura e gênero, o Sertão Transviado entra como processo na teoria da recepção, frente aos deslocamentos dos meios às mediações, a hibridização cultural (CANCLINI, 1990). Como ponto de partida para entender a cotidianidade do sujeito nas práticas culturais, as mediações em Martín Barbero, são atravessadas pela noção de multiculturalismo, espaço de diálogo entre duas culturas. “A migração e as novas formas e modos de trabalho trazem consigo a hibridação das classes populares, uma nova forma de se fazerem presentes na cidade” (BARBERO, 2003 p. 233).

Sobretudo dentro da temática das culturas populares que uma teoria complexa e multifacetada da recepção começou a ser desenvolvida, tendo como eixos básicos de reflexão o deslocamento dos meios às mediações (BARBERO, 1987) e os processos de hibridização cultural. Esta é a chave explicativa que usualmente se encontra incorporada entre aqueles que se dedicam à questão, pelo menos no cenário brasileiro.

A inserção do processo de recepção em uma história cultural que dá pano de fundo e contexto às práticas de leitura e consumo; a importância dos gêneros como articuladores de práticas de recepção com o espaço e as lógicas da produção, bem como de estratégias de antecipação das expectativas e pacto simbólico entre a indústria e os públicos; e o resgate dos atores sociais concretos que participam em e se refazem com o processo de recepção entendida como processo de produção e intercâmbio cotidiano de sentido. (ESCOTEGUY, JACKS. 2007 p. 10).

Nesse sentido, a questão do corpo adentra o que há de conversável entre a comunicação e a cultura, problematizando os aspectos comunicacionais na apuração jornalística. No final dos anos 70, “o corpo humano estava passando, tanto quanto as sociedades humanas, por indisfarçáveis transformações que, no tocando ao corpo, estavam fadadas a afetar todas as suas dimensões, do físico-fisiológico ao sensorio, afeto e mental” (SANTAELLA, 2004 p. 10). Logo, como a noção de sujeito e a de subjetividade se deriva do cartesianismo, a existência do sujeito é idêntica ao seu pensamento.

Santaella (2004) considera de que relação entre um ser interior que pensa e um exterior do qual o ser pensante, está asceticamente separada por uma relação de identi-

dade. Doel (2001) começa a traçar o que seria o sujeito na perspectiva da identidade no corpo. Para ele, “o sujeito é o sujeito. Sozinho ele está. E sem uma necessidade de pele, carne, face ou fluído. O corpo nunca é. Os corpos são inimigos do sujeito. (DOEL, 2001, p. 87). Santaella (2006) então vai trazer “o corpo sob o fantasma do sujeito”, nos estudos da comunicação. Como destaca Paulo Marsella “segundo Santaella, uma das interfaces ocorreria em um movimento de dentro para fora” (SANTAELLA *apud* MARSELLA, 2006 p.121).

Pensar o corpo sob fantasma do sujeito se torna a levar em consideração a visibilidade da experiência como fenômeno de abordagem no campo da comunicação. Tornar-se visível, segundo Joan W. Scott (1998), passa pelo processo do conhecimento adquirido pela visão. “Olhar é a origem do saber. Escrever é reprodução, transmissão — a comunicação do conhecimento adquirido através da experiência (vias e visceral)” (SCOTT, 1998 p. 300). Antes oco, o sujeito agora é passível de análise dentro da perspectiva histórica, por meio da experiência, como uma tomada de si.

“Quando a experiência é tomada como origem do conhecimento, a visão do sujeito (a pessoa que teve a experiência ou o historiador que a reconta) torna-se o suporte da evidência sobre a qual a explicação é elaborada” (SCOTT, 1998 p. 301). Scott parte do pressuposto de que não há mais verdadeiro do que o relato da própria pessoa a respeito do assunto em que vivenciou. Assim, é preciso entender a relação mútua construída com a diferença. Como se a experiência dela oferecesse crítica às práticas normativas, mas não na dimensão crítica, pois até então não estaria posicionado o sujeito para a apresentação da experiência. O sujeito marcado desta vez, por uma noção de experiência, se torna possível dentro da cronologia da história, e por assim, dentro da corporeidade referencial no campo da comunicação. “A visibilidade da experiência se torna então evidência para o fato da diferença, em vez de se tornar uma forma de explorar como a diferença é estabelecida, como ela opera, e como e de que maneira constitui sujeitos que veem e atuam no mundo” (SCOTT, 1998 p. 302),

“A experiência funciona dentro de uma construção ideológica que não apenas faz dos indivíduos o ponto de partida do conhecimento, mas também torna naturais categorias como homens, mulheres, negros, brancos, heterossexuais e homossexuais” (SCOTT, 1998 p. 307). O que até certo ponto, garante a visibilidade do sujeito, mas o

ancora como fixos e autônomos, então à priori, a função da experiência se faz em evidenciar a diferença na lógica da identidade. O ciclo em que começa na experiência rompe, e retorna as noções de experiência, traz ao debate, a singularidade do sujeito, como elemento possível dentro da experiência. Então, seria interessante legitimar o novo conhecimento, por meio das rupturas na noção experiência, para assim, abrir a possibilidade de questionar a objetividade histórica.

Logo, como afirma Scott (1998) ao citar Spivak, seria interessante “tornar visível a tarefa das posições-do-sujeito”, na compreensão dos processos discursivos complexos e mutáveis pelos quais identidades são afirmadas. Daí surge o pensamento de que sujeitos são por si, agentes. Dado o fato de que, os conflitos entre sistemas discursivos, possuem significados múltiplos possíveis para os conceitos em que utilizam. De acordo com Larissa Pelúcio (2012), falar de saberes subalternos não é apenas dar voz àquelas e àqueles que foram privados de voz. “Mais do que isso, é participar do esforço para prover outra gramática, outra epistemologia, outras referências que não àquelas que aprendemos a ver como a “verdadeiras” e, até menos as únicas dignas de serem respeitadas” (PELÚCIO, 2012, p. 399).

Então, como afirma Scott (1998), historicizar a experiência pelo o qual é representada, partiria do rastreamento da apropriação da linguagem em ambas as direções sobre o hiato. Uma vez, que a experiência “é sempre algo já interpretado e algo que precisa de interpretação”, (SCOTT, 1998 p. 324) imbricada na linguagem do cotidiano. Logo, a experiência toma como suporte dentro da noção de performatividade, tecida por Judith Butler (2002), uma zona de interface comunicacional dentro do panorama do corpo. Ao retomar o objeto da Comunicação, tido por Braga (2011), como toda e qualquer e as reflexões sobre mediações de Barbero (2003), se faz o questionamento do que há de conversável entre o ato apurar e o ato redigir das matérias do jornal.

Ainda na perspectiva de gênero, Joan Scott (1990) revisita a visibilidade da experiência para falar da nova história que incluiria a experiência das mulheres, e dela, dependia da medida na qual o gênero podia ser desenvolvido como uma categoria de análise. As diferenças como categorias de análise e a invenção do Outro, consolidou o que Foucault (2008) denominou enquanto poder disciplinar, um meio de intervenção e normalização social que foi o responsável pela sua criação. Logo, os dissidentes passa-

ram a ser classificados e corrigidos. A historicização de categorias antes aceitas como naturais relativizou valores morais de forma a fornecer ferramentas críticas com relação às práticas sociais de controle e normalização.

Para Bento (2016), a Sociologia da abjeção surge na meta de compreender o porquê da proliferação dos que estão de fora, invisibilizados. A autora propõe “uma relação entre as condições de vida desumanizadoras das pessoas trans e o silêncio da Sociologia em torno de suas existências” (BENTO, 2016, p. 50). Nesse sentido, é possível perceber as limitações de práticas e discursos na teoria em relação aos sujeitos concretos. O conceito de abjeção e de sujeitos abjetos parte de uma reformulação a categoria de gênero ao apresentar críticas às concepções estruturalistas e estáticas de identidade. “As pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero” (BUTLER, 2003, p. 37). Butler (2003) reforça de que as noções de coerência e continuidade produzem efeitos frente às normas sociais instruídas e mantidas, enfatizando de que “o gênero não decorre natural e incontestavelmente de nosso aparato genital, mas sim de regras histórica e discursivamente produzidas que instituem como o corpo-sexuado deve ser genericificado” (BUTLER, 2003, apud BORBA, 2014, p. 446).

Assim, as performances de gênero não acontecem livremente, pois às ações cotidianas estão inseridas em uma estrutura rígida (heterossexualidade compulsória e os discursos que a sustentam) que delimita suas possibilidades. Performatividade não se delimita apenas ao campo da performance, a performatividade pode ser vista como o que possibilita e potencializa a performance. Como explica Rodrigo Borba (2005) entender o gênero como meramente performativo, não é lê-lo como uma performance, mas sim entender como ele é produzido durante a performance. Portanto, para Butler (2003), não existe identidade de gênero antes da interpelação linguística. Logo, “entender a identidade como uma prática (...) significante é compreender sujeitos culturalmente inteligíveis como efeitos resultantes de um resultante de um discurso” (BUTLER, 2003, p. 208). Sendo assim, “discutir gênero é transitar por um conjunto de teorias e de concepções e explicações sobre o que é ser masculino e feminino” (BENTO, 2016, p. 107).

As análises queer na perspectiva de gênero (por meio de positivar a conhecida forma pejorativa de insultar homossexuais) do que há de conversável nas entrevistas, buscam desconstruir categorias identitárias através do esmiuçamento dos processos histórico que as criaram. Partindo de uma tradução cultural idiossincrática, Berenice Bento (2009) transpõe o termo queer para transviado, como tentativa de abraçar os estudos e partir de uma perspectiva singular em referencial teórico, ao levar em consideração as especificidades da produção de identidades na cultura nacional. A autora destaca que “um novo corpo conceitual foi acionado para interpretar dimensões da vida tidas como imutáveis, ahistóricas: performance, heteronormatividade, normas de gênero, paródia de gênero, dispositivo da transexualidade, heteroTerrorismo” (BENTO, 2009 p. 46). A teoria queer, considera aqui como estudos transviados, dentro do recorte de região poderiam ser chamada também de estudos baitolas na perspectiva de apuração jornalística do projeto

Considerações finais

Na história das mídias no Brasil jamais tivemos tamanha pluralidade de vozes, principalmente diante da grande avenida aberta pelo jornalismo online. Não defendemos, como alguns teóricos, que qualquer um pode ser produtor de conteúdos jornalísticos. Pelo contrário. O jornalismo profissional nunca teve tanta importância nesta quadra histórica com o estabelecimento de uma rede de discursos ideológicos que desinformam, mais que informam.

Em tempos de “pós-verdade” e fake news a responsabilidade dos jornalistas diante do pacto com o seu leitor é gigantesca. Não defendemos, por outro lado, o discurso da mídia tradicional quando se trata de minorias. Historicamente, a mídia de massa nunca foi transgressora, mas sim reprodutora dos discursos institucionais e do senso comum. A grande imprensa dialoga com outras instituições (Executivo, Judiciário, Legislativo, Igreja, Família, Universidade desde a criação do Correio Braziliense e da Gazeta do Rio de Janeiro em 1808).

Por isso, a imprensa alternativa é até hoje no Brasil uma opção importante para reforçar a liberdade de imprensa como foi durante os anos de chumbo e, agora, na democracia. A contracultura inspirou e ainda inspira uma série de jornais, não vinculados

a ideologias ou partidos políticos, cada um com a sua singularidade – como o Sertão Transviado – numa constante busca por uma sociedade mais justa e inclusiva.

Percebemos claramente ainda no jornalismo brasileiro um profundo despeito à diversidade de gênero, quando os temas tratados giram em tornos de grupos não hegemônicos, como a comunidade LGBT. Irineu Ramos Ribeiro, autor de “A TV no Armário – a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros – assinala que, mesmo depois da visibilidade gay ter se ampliado, a grande mídia se mantém atrelada a valores do passado - “na esfera da sexualidade isso é bastante evidente, uma vez que o sexo ainda é tratado por um ângulo binário pouco condizente com a complexidade da diversidade existente entre os seres humanos”. (RIBEIRO, 2010, p. 125). Quer dizer, o preconceito continua a ser a linha basilar da imprensa brasileira, nem sempre explícito, mas revelado de forma subliminar e ambígua, apesar dos veículos rechaçarem tal rótulo.

Contra essa maré, o Sertão Transviado remou, revelando, como o sol do meio dia no sertão nordestino, tantos dramas, sofrimentos e perseguições à comunidade LGBT. Mas também suas alegrias e o sentido de tantas vidas e seus sonhos, ainda longe de serem concretizados diante da homofobia e do machismo tão presentes no Brasil, particularmente numa região como o Cariri cearense.

Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo – **A Construção da Notícia**, Vozes, Petrópolis/RJ, 2009.

BRAGA, José Luiz. **Constituição do campo da comunicação**. Verso e reverso 25.58 (2011): São Leopoldo, RS. 62-77.

BENTO, Berenice. **O que pode uma teoria?** Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. Florestan (2014): 46.

BORBA, Rodrigo. **A linguagem importa?** Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. Cadernos Pagu. Campinas, SP. 43 (2014): 441-473.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam:** sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 152-172

_____, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003 [1990].

- CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. São Paulo, Edusp, 1989.
- _____, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguales y desconectados**. Mapas de la interculturalidade. Barcelona: Gedisa, 2006.
- CARLOS, Müller. **Por trás da Entrevista**. Record, Rio de Janeiro, 2007.
- DOEL, Marcus. **Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ESCOSTEGUY, Ana; JACKS, Nilda **Comunicação e Recepção**. Uma visão latina - americana Razón y Palabra, vol. 12, núm. 57, junio-julio, 2007 Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey Estado de México, México.
- GROTH, Otto. **O Poder Cultural Desconhecido: Fundamentos da Ciência dos Jornais**, Petrópolis: Vozes. 2011
- KOVACK, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**. Geração Editorial: São Paulo. 2003
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**. Nos tempos da Imprensa Alternativa. Página Aberta Editora: São Paulo, 1991.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas – O livro Reportagem como Extensão do Jornalismo e Da Literatura**. Manole: Barueri:SP, 2004
- MARTIN-BARBERO, Jesus. **Redescobrimo o povo: a cultura como espaço de hegemonia**. _____, Jesus. "América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social". In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo. Brasiliense, 1995. (1o edição).
- _____, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2. ed, 2003.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de Tecer o Presente**. São Paulo: Summus Editorial, 2003
- _____, Entrevista – **O Diálogo Possível**. São Paulo: Ática, 2003.
- MELO, José Marques. **Jornalismo, Compreensão e Reinvenção**. Saraiva: São Paulo, 2009.
- MORIN, Edgar. *Linguagem da Cultura de Massa*. Petrópolis: Vozes. 1973.
- MUNIZ, Sodré. **A Narração do Fato – Notas para uma teoria do acontecimento**. Vozes; Petrópolis-RJ. 2009.
- PELÚCIO, Larissa. **Subalterno quem, cara pálida?** Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, São Paulo. 2.2 (2012): 395.
- OROZCO, Guillermo. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. Guadalajara, Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario, 1997.

RIBEIRO, IRINEU RAMOS. **A TV no Armário** – A Identidade Gay nos Programas e Telejornais brasileiros. Edições GLS: São Paulo. 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. São Paulo: Paulus (2004): 145.

SCOTT, Joan W., and Marina Maluf. **A invisibilidade da experiência**. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. PUC, São Paulo. ISSN 2176- 2767 16 (1998).

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – Porque as notícias são como são. Editora Insular: São Catarina. 2005.